

Heterotopias hipertextuais: Escrevendo mundos digitais em *La ansiedad* e *Keres cojer? = guan tu fak*

Anselmo Peres Alós*

RESUMO:

este trabalho pretende investigar como o ciberespaço vem sendo utilizado como material literário no que diz respeito à literatura latino-americana contemporânea. Para tanto, performativiza-se uma “leitura cruzada” na qual dois romances argentinos – *La ansiedad: novela trash* (2004) e *Keres cojer? = guan tu fak* (2005) – são analisados em suas relações com as reflexões foucaultianas desenvolvidas pelo filósofo francês em seu ensaio “Espaços outros: heterotopias” (apresentado pela primeira vez em 1967 e finalmente publicado em 1984).

Palavras-chave: Heterotopia. Hipertextualidade. Romance latino-americano. Daniel Link. Alejandro López.

Entre os conceitos presentes nos escritos foucaultianos mais produtivos em diferentes áreas do conhecimento, encontra-se o de *heterotopia*, resultado de uma investigação filosófica acerca do espaço e que tem impulsionado múltiplos *insights* teóricos para se pensar o espaço contemporâneo em diferentes áreas, tais como a geografia, o urbanismo, a arquitetura, a literatura, a educação e os estudos fílmicos. Michel Foucault desenvolve as primeiras reflexões acerca da noção de heterotopia no texto “Les espaces autres: hétérotopies”.

Originalmente apresentado em uma conferência realizada por Foucault no *Cercle d'Études Architecturales*, na Tunísia, em 14 de março de 1967, é somente em 1984 que o autor autoriza a publicação deste trabalho na revista *Architecture, mouvement, continuité* (FOUCAULT, 1984, p. 46-49). A heterotopia é um conceito acerca de *espaços outros*, os quais, pertencendo ao mundo em geral, afastam-se dele simultaneamente pelas alterações que provocam nas convenções e no regramento social. Pode-se pensar, ainda, a cristalização das heterotopias como *espaços de alteridade*, nos quais os imperativos do mesmo são subvertidos em nome da ética do outro. A *heterotopia* pode ser entendida, ao menos inicialmente, como uma “utopia realizada”. Ela é a contraposição ao mesmo tempo múltipla, laica, real e concreta à irrealidade e ao caráter imaginário das utopias. Indo um pouco mais além, pode-se afirmar que uma heterotopia é o lugar no qual a ordem social é invertida, anulada, colocada em suspenso, “entre aspas”, ou ainda, “entre parênteses”. Para utilizar uma noção já bastante conhecida nos estudos literários, a heterotopia *carnavaliza*, no sentido que Mikhail Bakhtin¹ (2006) dá ao termo, as regras e os códigos sociais vigentes.

Michel Foucault² define as heterotopias com as seguintes palavras:

Há, [...] e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra-posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses

lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Entendida como uma forma de contestação ao mesmo tempo real e mítica dos espaços sociais, a heterotopia torna-se noção pertinente aos estudos literários, uma vez que permite pensar em uma *heterotopologia* (isto é, um *estudo dos espaços outros*, ou dos *espaços de alteridade*) através da representação realizada pela obra literária. No estudo das representações veiculadas pelo discurso literário, contempla-se não somente a heterotopia, mas também os embates de poder nela localizados. Cabe lembrar que a heterotopia possui a desconfortável propriedade de, ao mesmo tempo, relacionar-se com diversos lugares (isto é, permanece nela a memória dos lugares hegemônicos), sem se deixar afetar pelas regras de tais lugares. Através da compreensão desses espaços *outros*, torna-se possível compreender também *relações sociais outras* constituídas nos interstícios das heterotopias.

Em outras palavras, as heterotopias funcionam como fonte de *manifestações culturais outras*, as quais, por sua vez, constituem fonte de *identidades sociais outras*. É o próprio Foucault, ao utilizar termos como *leitura e cultura* em sua explanação acerca das heterotopias, quem autoriza o deslocamento da noção para o campo dos estudos literários, em especial aqueles desenvolvidos nas searas do comparatismo:

Quanto às heterotopias propriamente ditas, como se poderia descrevê-las, que sentido elas têm? Seria possível supor, não digo uma ciência – porque é uma palavra muito depreciada atualmente – mas uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a “leitura”, como se gosta de dizer hoje em dia, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos; essa descrição poderia se chamar *heterotopologia*. Primeiro princípio é que provavelmente não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias. É uma constante de qualquer grupo humano. Mas as heterotopias assumem, evidentemente, formas que são muito variadas, e talvez não se encontrasse uma única forma de heterotopia que fosse absolutamente universal (FOUCAULT, 2001, p. 415-416).

Em última análise, a concepção da heterotopia apresenta uma nova linha de argumentação, capaz de associar a espacialização das relações de poder, através de uma “heterogeneidade representacional”, aos “espaços outros” que emergem no texto literário, lugares nos quais se desafiam os regimes hegemônicos de representação. O atento olhar de Foucault salienta, pois, o fato de que a multiplicação das representações sociais (particularmente nos domínios urbanos), associada à fragmentação, deveria levar a uma reflexão mais complexa sobre o espaço nas ciências humanas.

Neste sentido, torna-se possível conceber o que poderia se chamado de *heterotopias sexuais* do mundo contemporâneo. Quando falo em heterotopias sexuais, refiro-me a espaços sociais nos quais os pressupostos heteronormativos de produção de identidades são colocados em suspenso, permitindo o surgimento de novas configurações de gênero e de desejo. Se há um pacto social heteronormativo, o qual foi chamado de *heterossexualidade compulsória* por Adrienne Rich (RICH, 1980, p. 631-660), de *contrato heterossexual* por Monique Wittig (WITTIG, 2002, p. 21-32), ou ainda, de *matriz heterossexual* por Judith Butler (BUTLER, 1999, p. XXVII-XXXIII), e se este pacto funciona como cerceador de subjetividades não-heterossexuais, como explicar o (en)gendramento social das identidades de sujeitos não-heterossexuais como lésbicas, travestis, gays, transexuais, bissexuais, intersexuais, *drag queens* e *drag kings*?

Se o policiamento das identidades de gênero e sexualidade é tão sagaz, de que maneiras esses sujeitos encontram suporte para a manutenção, no espaço social, destas identidades sexuais contra-

hegemônicas? Uma hipótese seria a de que as *heterotopias sexuais* estão configuradas de maneira a possibilitar uma certa legitimação – ainda que por vezes parcial e provisória – de tais identidades. O internato, a caserna e os prostíbulos, em um determinado momento histórico, funcionaram como as heterotopias legitimadoras das identidades sexuais não-burguesas e não-heterossexuais, as quais desafiam os pressupostos heteronormativos. Em um momento histórico posterior, heterotopias específicas começam a ser delineadas, tornando-se espaços específicos de produção, circulação e legitimação de identidades e práticas sexuais contra-hegemônicas. Posto em outras palavras, a noção de heterotopias sexuais designa os espaços sociais nos quais se torna possível a formulação e a disseminação de identidades sexuais subalternizadas. Cabe ressaltar a importância de não confundir o prefixo *hetero-*, presente nos termos “heterotopia sexual” e “heterossexualidade”, uma vez que as heterotopias sexuais são, por excelência, lugares de contestação da matriz heteronormativa e da crença de que o “natural” e o “normal”, no que diz respeito à sexualidade, sempre será declinado na heterossexualidade.

Disseminados pelo espaço urbano, lugares específicos como as boates gays assumem um caráter intermediário entre o real (para o sujeito que as frequenta) e o mítico (para o sujeito que conhece a sua existência, mas delas mantém distância). Diversos espaços no cenário urbano assumem a função de heterotopias, nos quais o exercício de práticas sexuais não-convencionais ocorre à revelia da heteronormatividade. Exemplo disso são os parques públicos, espaços nos quais, durante a madrugada, travestis e *taxi boys* oferecem seus serviços sexuais a clientes anônimos. A disseminação das redes digitais e a democratização do acesso à *internet* possibilitam, por sua vez, a construção de heterotopias virtuais extremamente funcionais na constituição de novas identidades sexuais, tais como as salas de *virtual chats*, as páginas virtuais de agências de acompanhantes e, mais recentemente, os *sites* de anúncios pessoais, nos quais uma “hiper-especialização” das práticas sexuais multiplica as categorias sexuais que outrora eram dadas como cristalizadas e estanques. O par opositivo hetero/homo pulveriza-se, dando lugar a uma heterogênea profusão ciberespacial de homossexuais, bissexuais, heterossexuais, *cross dressers*, fetichistas e curiosos. Tal disseminação das identidades sexuais instaura um complexo inventário de categorias, semelhante àquela enciclopédia chinesa da qual fala Jorge Luis Borges, e que inspirou Foucault a escrever *As palavras e as coisas* (2007). Todavia, me parece impossível compreender essa profusão de novas identidades, as quais desestabilizam até mesmo os limites das categorias de gênero e sexualidade, sem compreender as heterotopias que possibilitam sua emergência.

O advento da *internet* e da *World Wide Web* revolucionou a maneira pela qual se lida com a informação. Hoje em dia, a troca de correspondência pessoal é vista como uma prática antiquada e *demodée*. Não se enviam mais cartas, mas sim *e-mails*. A rapidez do envio das mensagens eletrônicas assolou de tal forma a escrita que começa a nascer uma ortografia própria. Uma nova espécie de escrita ideográfica tornou-se possível graças à necessidade de expressar sentimentos sem se perder a linha argumentativa: são os *emoticons*, utilizados para expressar alegria (☺) e tristeza (☹), por exemplo. Não há como refutar a tese de que a *internet* está mudando a própria natureza de nossa relação com a linguagem e com a escrita. Não obstante, é inegável também o impacto destas tecnologias no campo da produção literária, uma vez que *blogs* e *e-mails* caracterizam-se como novos gêneros textuais. Assim, os fluxos do ciberespaço começam a revitalizar a produção literária nos últimos anos, reinventando os gêneros literários e as possibilidades de expressão através da escrita literária.

Dois espaços heterotópicos de escrita merecem atenção: o *e-mail* e as salas de *chat*. O endereço de *e-mail*, por sua natureza de contraparte virtual do endereço físico de um sujeito, transforma-se em uma tecnologia a produzir novas identidades. Não estando preso a um endereço ou a um nome fixo, posto que o endereço de *e-mail* é também virtual (e encontra-se localizado em algum provedor algures), uma única pessoa pode fragmentar-se e multiplicar sua identidade infinitamente.

A partir da utilização de diferentes *e-mails* para diferentes interesses, o correio eletrônico tornou-se o emblema heterotópico de dissolução e reestruturação do sujeito contemporâneo. Contudo, é com os programas de conversação em tempo real como o *mIRC*®, o *ICQ*® e o *Windows Live Messenger*® que as possibilidades quase esquizofrênicas de múltiplas e simultâneas identidades são atingidas. No cenário teórico contemporâneo, não seria abuso afirmar que a *internet* ganha espaço como uma das mais potentes heterotopias a produzir novas e dissonantes identidades e máscaras sexuais. Homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e heterossexuais que se autodenominam “curiosos” surgem nas salas de bate-papo virtual, e nem sempre tais identidades são simétricas àquela da pessoa a digitar (e digitar-se) alhures. O sujeito, sabidamente constituído *na e pela* linguagem, é constituído nos espaços virtuais pela linguagem verbal, mas também por *emoticons*, *kbytes* e *underlines*. Esta é uma escrita criptografada na qual nem todos estão ainda alfabetizados. Esse “dialeto virtual”, conjugado com o jargão do gueto homossexual, dá margem ao nascimento de uma escrita praticamente incompreensível para aqueles que não fazem destas heterotopias lugares de constituição de suas próprias subjetividades.

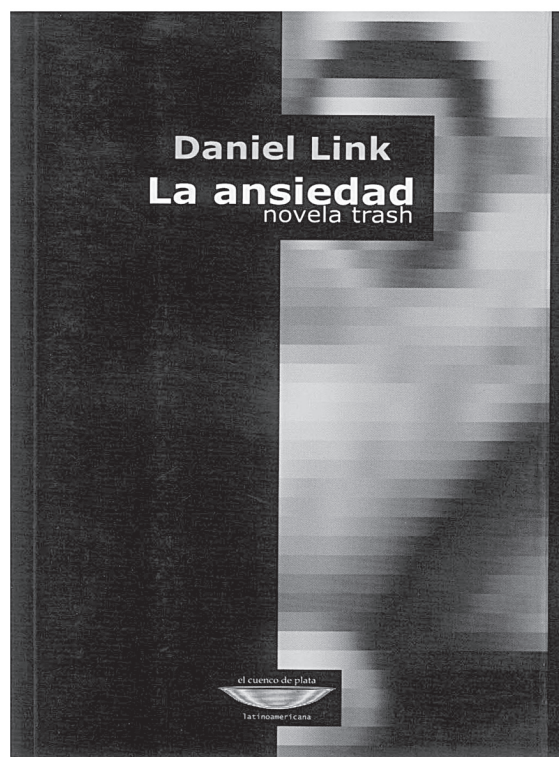


Figura 1- Capa do romance *La ansiedad*, de Daniel Link. Já na ilustração da capa, podem-se vislumbrar dois importantes eixos temáticos na construção do enredo: o ciberespaço e a busca por sexo anônimo.

Operacionalizando toda esta discussão, o argentino Daniel Link dedica-se à produção de um novo modelo narrativo. Já na capa da primeira edição do romance (Fig. 1), pode-se observar o diálogo explícito que a narrativa de Link estabelece com o ciberespaço: a foto de um homem nu, rasurada pela conversão da imagem em *pixels*, traduz o anonimato dos homens que buscam outros parceiros nos *websites* de relacionamento pessoal. *La ansiedad: novela trash* (2004) é um romance que investe em uma reinvenção da linguagem a partir da utilização de *e-mails* e da reprodução de diálogos do *ICQ*® de vários personagens (Fig. 2), em sua maioria homens solitários a errar pelas redes virtuais nas madrugadas portenhas. Nestes fragmentos textuais, mesclados com citações que vão de

Michel Foucault a Thomas Mann, são representadas as ansiedades de homens em busca do afeto de outros homens, ou mesmo de uma simples noite de sexo anônimo. Mesmo lembrando vagamente a estrutura de um romance epistolar, *La ansiedad* é uma obra singular. A heterogeneidade dos materiais textuais utilizados em sua composição cria uma tensão bastante diversa daquela produzida pela sequência de cartas em um romance epistolar como, por exemplo, *As relações perigosas*. Se a preocupação de Chordelos de Laclos estava assentada nos jogos de perfídia, sedução e infidelidade da decadente aristocracia de sua época, Daniel Link estrutura seu romance em torno das angústias e das ansiedades dos homens homossexuais, em particular daquelas causadas pela busca incessante de afeto e de prazer, das dificuldades de se conviver com a soropositividade e da solidão urbana das metrópoles latino-americanas.

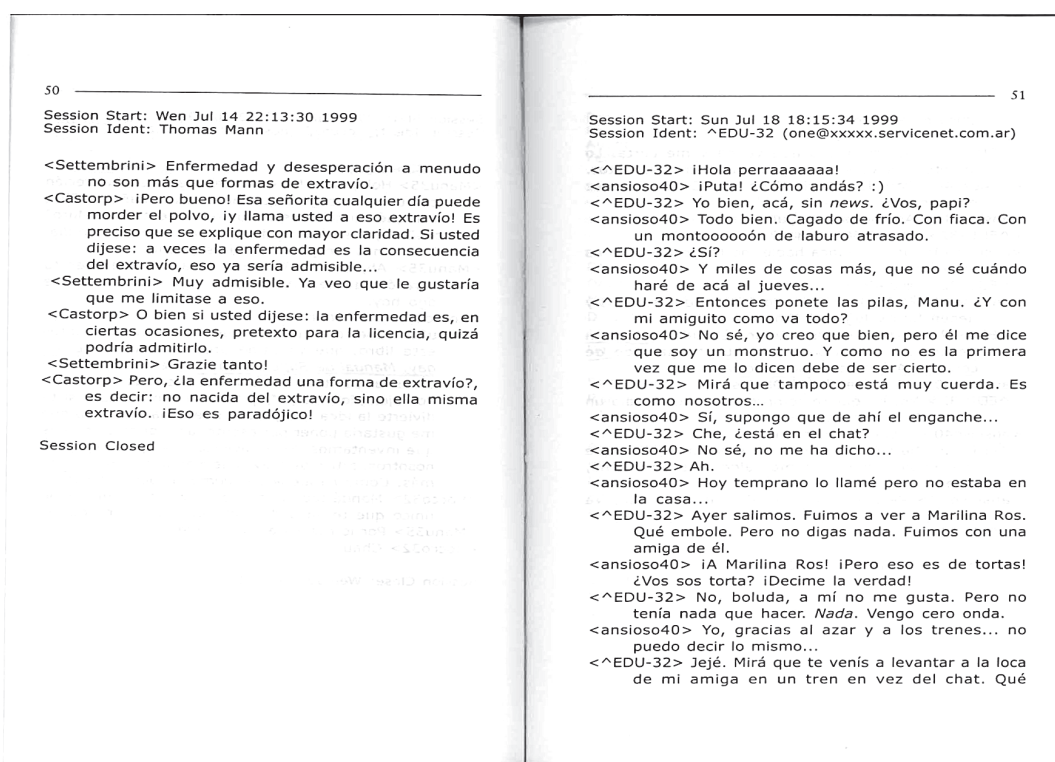


Figura 2- LINK, Daniel. *La ansiedad: novela trash*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2004. pp. 50-51. Pode-se observar, na diagramação utilizada pelo autor em seu romance, os influxos tanto de forma quanto de conteúdo oriundos dos *softwares* de conversação em tempo real.

Compreender a estruturação desta heterotopia virtual possibilita compreender melhor as identidades que nela nascem e morrem. Em tempos de individualismo e consumo massivo, a velocidade do tráfego de informação nas redes digitais possibilita novos arranjos de poder e novas maneiras de se contestar o *status quo* sem a necessidade de que o indivíduo saia de sua própria casa. Assim, compreender os ambientes digitais como heterotopias sexuais – isto é, como lugares nos quais os valores sexuais hegemônicos e heteronormativos são colocados em suspenso – possibilita a compreensão de duas coisas importantes: a) o influxo da linguagem digital na literatura como possibilidade de revitalização formal e estética, uma vez que as convenções da literatura são questionadas; e b) a utilização do ciberespaço como matriz de novas e disruptivas identidades sexuais.

Estes dois pontos podem ser resumidos em duas expressões: *nascimento de novas identidades textuais e disseminação de identidades sexuais “dissidentes”*. Em uma entrevista sobre seu romance, Daniel Link (que, além de escritor, leciona Literatura Comparada e Teoria Literária na Universidad de Buenos Aires) diz o seguinte:

Una de las constataciones más felices que realicé fue que las comunicaciones en internet funcionaban (y todavía funcionan) preponderantemente a partir de la escritura. Lo sepan o no, quienes participan del universo ciberespacial, están *escribiendo* (LINK, 2004b, p. 14).

Cumprir destacar que as opiniões do escritor com relação ao papel da *internet* como “laboratório de escrita” não são apenas um proselitismo leviano: Daniel Link mantém um *blog* pessoal (<http://linkillo.blogspot.com>), o qual, além de funcionar como uma espécie de “laboratório particular de escrita”, funciona como canal direto de comunicação com os seus leitores e com os seus alunos na Universidad de Buenos Aires, ademais de cumprir o papel de “vitrine” do escritor, divulgando seus livros já publicados e cumprindo o papel de depositário de seus fundos de gaveta.

Uma importante reviravolta instaura-se, então, uma vez que a noção de heterotopia, tal como o romance de Link permite assinalar, não se estende tão somente a espaços geograficamente situáveis, mas também aos fluidos espaços virtuais de redes digitais, tais como a *internet*. Os *softwares* de comunicação em tempo real, desta forma, configuram-se também como *heterotopias virtuais*, e a conversação em tempo real passa de simples espaço de *comunicação* a espaço subversivo de contestação e de negociação por novas possibilidades de subjetivação (Fig. 2). Estes novos espaços possibilitam novas relações sociais que escapam às redes dicotômicas de “masculino *vs.* feminino” ou “homossexualidade *vs.* heterossexualidade”, instaurando resistência aos regimes de normalização dos gêneros. Este experimentalismo, relativamente moderado no romance de Link, é levado ao extremo no romance de Alejandro López (Fig. 3).

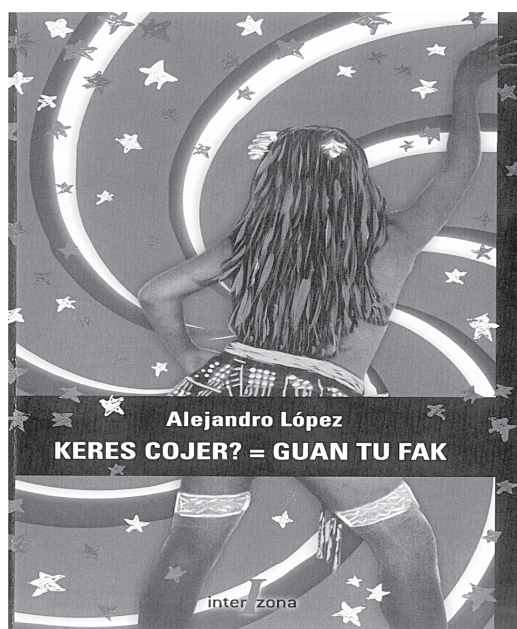


Figura 3 - Capa do romance *Keres cojer = guan tu fak*, de Alejandro López. Na ilustração, a figura sugere uma analogia direta com a personagem Vanessa Hotmail. Há uma homologia de processos constitutivos entre a maneira com que a personagem constrói o seu gênero e a maneira como os internautas constroem suas identidades/simulacros no mundo virtual.

Alejandro López, em seu romance *Keres cojer? = guan tu fak* (2005), também se utiliza dos recursos de linguagem geridos pela internet para a construção de sua narrativa. Vanessa Hotmail, a protagonista do romance, é uma travesti nascida em Goya, interior da Argentina, e que vive em Buenos Aires, ganhando a vida como profissional do sexo a oferecer seus serviços para turistas. Vanessa economiza cada centavo que ganha para poder viajar para os Estados Unidos, onde finalmente poderá terminar as aplicações de silicone, o que lhe permitirá cobrar preços mais altos pelos seus serviços sexuais. Vanessa, por falta de recursos financeiros, tem apenas uma prótese mamária, implantada pelo Dr. Rodríguez, cirurgião plástico brasileiro. Em função disso, a própria Vanessa refere-se a si mesma como uma “travesti monoteta”. Mais do que sublinhar o caráter cômico desta desventura, importa assinalar a presença de uma preocupação com as mazelas da trajetória de travestis argentinas de baixa renda, para as quais, na maioria das vezes, não resta outro destino profissional além da prostituição.

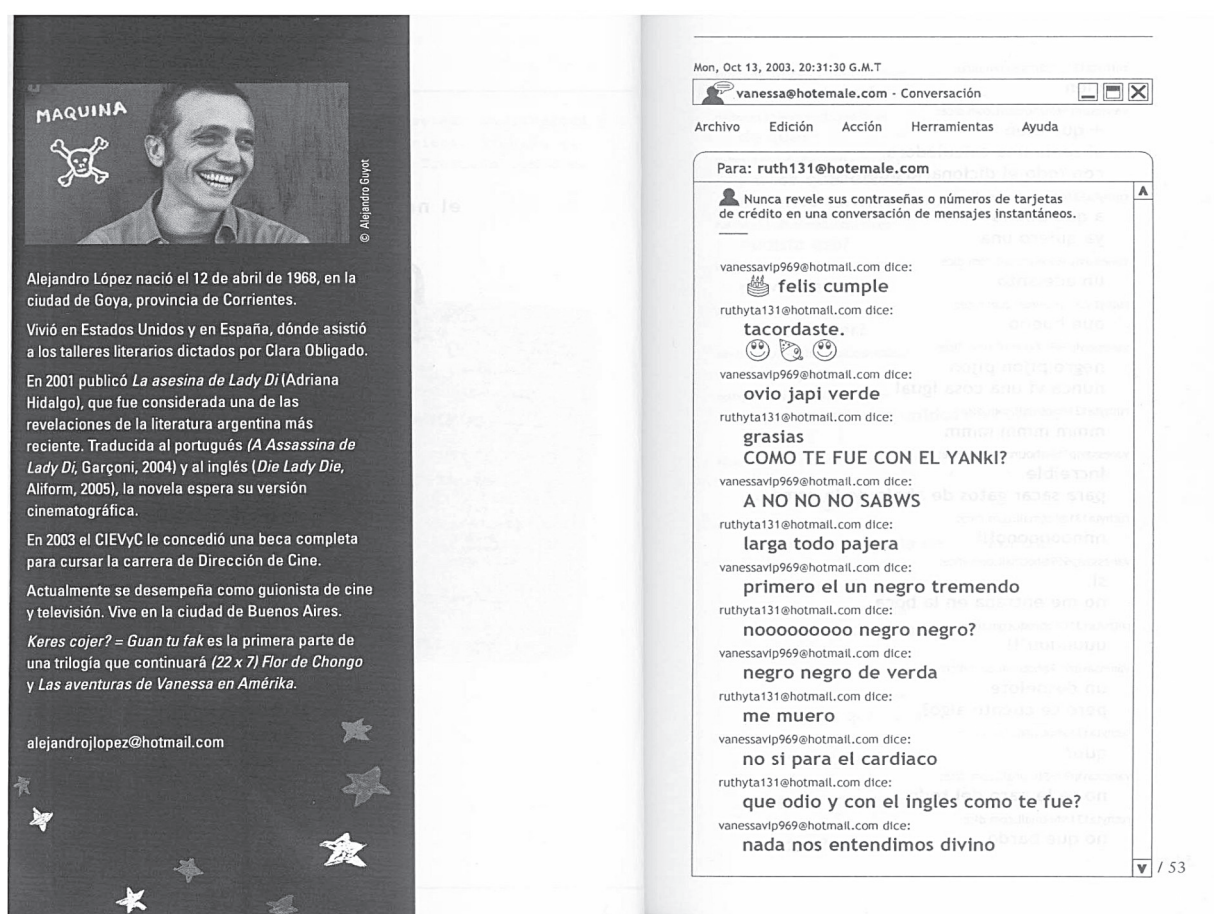


Figura 4 - LÓPEZ, A. *Keres cojer? = guan tu fak*. Buenos Aires: Interzona, 2005. p. 53. O layout do software *Windows Live Messenger*[®] torna-se parte constitutiva dos complexos semióticos de significação urdidos por Alejandro López, ainda que levemente alterado (por precaução do autor, para evitar problemas de propriedade intelectual). À esquerda da ilustração, orelha da primeira edição.

O software *Windows Live Messenger*[®], no romance de López, permite ao leitor visualizar os processos de constituição da identidade de Vanessa Hotmail (Fig. 4). Através das conversas entre a protagonista e sua prima Ruth, o referido software passa de simples mecanismo de conversação a lugar de embate identitário, no qual ambas as personagens contestam radicalmente noções cristalizadas

de amor, erotismo, família e moralidade. Cabe destacar, no trocadilho realizado pelo escritor, o jogo de palavras entre *Hotmail*[®] (um conhecido provedor de *e-mails*) e *hotmale* (do inglês, *hot male*), identificando assim a personagem Vanessa Hotmail como uma travesti (Fig. 4, canto superior direito). A interlocutora de Vanessa, ao longo de grande parte do romance, é sua prima Ruth, casada com o paraguaio Toro, e que vive da venda de bebês recém-nascidos a casais estrangeiros estereis. O que aparentemente seria um delito grave até mesmo para as moralidades mais progressistas e radicais revela-se como gesto humanitário, na visão das jovens grávidas, uma vez que o casal garante proteção, teto e comida para elas, gestantes completamente sem recursos, até que seus bebês nasçam e sejam encaminhados para famílias estrangeiras. A cegueira destas jovens para o regime de exploração ao qual estão sendo submetidas aponta para o fato que determinadas searas da América Latina não são vistas pelos olhos do Estado, que se mostra alheio às questões de tráfico de pessoas e de órgãos humanos.

Em termos formais, o romance de López é o que mais extrapola as convenções linguísticas e literárias. Se Daniel Link é inovador por incorporar *e-mails* e transcrições de conversação em tempo real, Alejandro López chega ao extremo de reproduzir, nas páginas de seu livro, o *layout* do *Windows Live Messenger*[®]. A incorporação de novas tecnologias inclui ainda fotografias, *videoclips* e gravações de câmeras escondidas, armazenadas no *website* da editora (www.interzonaeditora.com). Em determinados momentos da trama, o leitor é convidado a acessar um *link* que o leva a estes outros fragmentos narrativos não-verbais (Fig. 5). O resultado desse investimento em novas tecnologias permite a López, ao mesmo tempo em que está escrevendo literatura, extrapolar o conceito tradicional atribuído ao significante “literatura”, instituindo assim uma escritura híbrida consoante com o cenário cultural contemporâneo da América Latina.

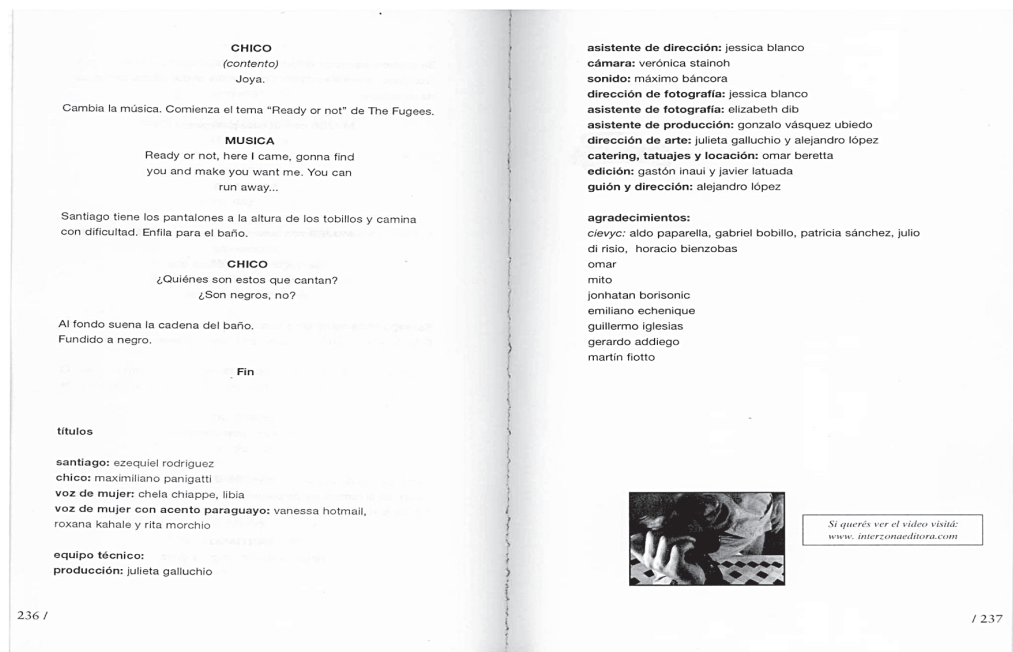


Figura 4 - LÓPEZ, A. *Keres cojer? = guan tu fak*. Buenos Aires: Interzona, 2005. p. 236-237. Observar, no canto inferior direito da página 237, a referência ao *link* para a *homepage* da editora Interzona, na qual é possível fazer o *download* do vídeo mencionado no enredo do romance.

A utilização de novas tecnologias na escrita literária contribui também para redimensionar a reflexão sobre identidade e subjetividade, entendidas como *processuais* e *intermitentes*. Ao ler a noção de tecnologia não apenas no sentido corrente nas ciências duras, mas na acepção foucaultiana de *tecnologias*

de subjetivação, é possível identificar na personagem Vanessa Hotmail um investimento sobre o próprio corpo como *superfície de inscrição política e subjetiva*, dentre as quais a mais visível é, sem dúvida, a alteração de sua corporeidade através dos implantes de silicone. Cabe rememorar Donna Haraway, que em 1987 publica um profético manifesto acerca das novas possibilidades subjetivas a partir do impacto das novas tecnologias de informação. Para ela, o *cyborg* (do inglês, *cybernetic organism*) é uma identidade política constituída na interface do humano e do maquinário tecnológico, no nebuloso entremeio onde a oposição natureza/cultura perde o seu sentido. Afirmar Haraway:

O *cyborg* é uma criatura em um mundo pós-gênero, sem entretanto nenhuma relação com a bissexualidade, simbiose pré-edípica, trabalho não-alienado, ou outras tentações de uma integridade orgânica, por meio de uma apropriação final de todas as partes em uma unidade maior. [...] o *cyborg* é também o *telos* apocalíptico ameaçador da escalada de denominações da individuação abstrata ocidental, um ser verdadeiro, livre finalmente de qualquer dependência, um homem no espaço (HARAWAY, 1994, p. 245).

Através da escrita de si no ciberespaço, uma heterotopia virtual, Vanessa Hotmail constitui-se como um *cyborg*, reinventando o gênero e a sexualidade e desafiando o alcance da iluminista categoria do “humano”. Cabe ressaltar a alta-voltagem teórica e política da noção de heterotopia na compreensão da representação e na problematização das identidades homossexuais na literatura. O conceito de heterotopia permite transitar em um universo pseudo-misógino e desvendar ali uma aguda crítica à exclusão das mulheres na esfera pública; permite compreender melhor como as fissuras nos aparelhos ideológicos do Estado possibilitam o nascimento de subjetividades sexualmente subversivas; permite avaliar o papel de espaços *underground* na reconfiguração do erotismo através da resignificação de ideias como corpo, prazer e violência; permite, finalmente, a atribuição de um *status* crítico ao ciberespaço, e uma mensuração – ainda que provisória – do papel das novas tecnologias sobre a literatura e a vida social do mundo contemporâneo.

Tal como Madame de Staël, que no início do século XIX introduz uma análise comparativa das literaturas e das artes alemãs na França com o livro *De l'Allemagne* (1810), o comparatista contemporâneo deve, antes de tudo, perguntar-se: “qual o propósito e a função social dos conhecimentos produzidos por minha atuação intelectual?”. Uma vez que o par opositivo “cultura nacional *vs.* cultura estrangeira” continua a pautar conflitos tais como os novos fundamentalismos nacionalistas, os estudos de literatura comparada podem colaborar para minimizar os efeitos perniciosos dos choques culturais. Não é por acaso que filósofos como Jacques Derrida (1988) e Emmanuel Lévinas (1993) detiveram-se, nos últimos anos do século XX, a temas como a amizade, a solidariedade e a ética: estas são questões de suma importância para o desenvolvimento e o progresso científicos, de maneira sustentável, nestes tempos difíceis, encobertos pelas sombras e incertezas do presente. A partir do trabalho intelectual realizado pela literatura comparada é possível redimensionar e ressemantizar a noção de *cosmopolitismo*, em especial através do estudo e da reflexão acerca da literatura e da cultura estrangeiras, isto é, dos *outros*, de forma a fazer da ética e da alteridade imperativos político-filosóficos para o novo milênio. Posto que o fluxo de informações em escala global torna inevitáveis os choques culturais, cumpre empreender esforços para que tais choques, dado que inevitáveis, tornem-se confrontos com resultados positivos e construtivos para as coletividades humanas do planeta.

Poderia o investimento político em representações sociais subversivas (as quais desnudam as opressões sofridas pelos *outsiders* sexuais latino-americanos, bem como as ambivalências com as quais tais sujeitos se deparam) funcionar como mecanismo de intervenção cultural? Conseguiria

a literatura redimensionar as estruturas de pensamento mobilizadas para a interpretação desses sujeitos sociais nela representados? Fredric Jameson pergunta-se: “o texto é um objeto autônomo ou ‘reflete’ um contexto ou campo e, neste segundo caso, *apenas repete ideologicamente esse contexto ou campo*, ou possui um certa força autônoma graças à qual poderia ser visto como uma negação desse contexto?” (JAMESON, 1992, p. 102). Uma vez que os artefatos culturais são aqui compreendidos, tal como sugere Jameson, como atos socialmente simbólicos, e que a literatura pode ser vista como um artefato cultural de caráter performativo, é legítimo e procedente afirmar que as representações subversivas da sexualidade na literatura não funcionam apenas como a negação de um contexto social heteronormativo. Mais do que simplesmente negar esse contexto, elas assumem o caráter de intervenção, já que narrativizam o mundo, as vivências e as maneiras pelas quais os indivíduos se organizam coletivamente, *construindo novos sentidos* para as práticas sexuais socialmente relegadas ao plano da abjeção.

Hypertextual Heterotopies: Writing Digital Worlds in *La ansiedad* and *Keres cojer? = guan tu fak*

ABSTRACT:

This paper aims to investigate how cyberspace can be used as literary material when it comes to the contemporary Latin-American literature. To do that, it is performed here a “crossed reading” in which two Argentinean novels – *La ansiedad: novela trash* (2004) and *Keres cojer? = guan tu fak* (2005) are analyzed in their relations with the foucaultian framework developed by the French philosopher in his essay “Another spaces: heterotopies” (first presented in 1967 and finally published in 1984).

Keywords: Heterotopies. Hipertextuality. Latin-American novel. Daniel Link. Alejandro López.

Notas explicativas

- * Professor-Leitor de Língua Portuguesa, Literaturas Lusófonas e Cultura Brasileira Contemporânea no Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM), na cidade de Maputo, Moçambique.
- ¹ Ver também, com relação ao conceito bakhtiniano de carnaval, as reflexões de KRISTEVA (1974).
- ² FOUCAULT, M. Des espaces autres: heterotopies. *Architecture, mouvement, continuité*, n. 5, p. 46-49, Oct. 1984. Para esta citação, utilizo a tradução para o português, publicada no volume *Ditos e escritos – Volume III* pela editora Forense-Universitária (2001).

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1980. 121p.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. 191p.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 419p.
- BERNHEIMER, Charles (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995. 227p.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 158p.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble*. 10th anniversary edition. London: Routledge, 1999. 229p.
- DERRIDA, Jacques. The politics of friendship. *The journal of philosophy*, v. LXXXV, n. 11, p. 632-644, Nov. 1988.

- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541p.
- _____. Des espaces autres: heterotopias. *Architecture, mouvement, continuité*, n. 5, p. 46-49, out. 1984.
- _____. Of other places. *Diacritics*, v. 16, n. 1, p. 22-27, Spring/1986.
- _____. Outros espaços: heterotopias. In: _____. *Ditos e escritos – Vol. III*. Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 410-416.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-287.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 288p. INTERZONA Editora. Disponível em: www.interzonaeditora.com. Acesso em: 6 dez. 2009.
- JAMESON, Fredric. A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico. _____. In: *O inconsciente político*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992. p. 15-103.
- KNAUTH, K. Alfons. Literary multilingualism I: general outlines and western world. In: BLOCH DE BEHAR, Lisa; DJIAN, Jean-Michel; KADIR, Djelal and MILDONIAN, Paola (editors). *Comparative literature: sharing knowledges for preserving cultural diversity*. [A book of *Encyclopedia of life support systems (EOLSS)*, developed under the auspices of the UNESCO. EOLSS Publishers: Oxford [UK], 2007. Disponível em: <http://www.eolss.net/ebooks/Sample%20Chapters/C04/E6-87-07-05.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 199p.
- LACLOS, Chordelos de. *As relações perigosas*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1971. 319p.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. 131p.
- LINK, Daniel. El vértigo de la tecnología. Entrevista a Santiago Lima. In: _____. *La ansiedad*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2004b. p. 9-16.
- _____. *La ansiedad: novela trash*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2004. 238p.
- _____. *Cosas mías*. Disponível em: <http://linkillo.blogspot.com>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- LÓPEZ, Alejandro. *Keres cojer? = guan tu fak*. Buenos Aires: Interzona, 2005. 328p.
- PRATT, Mary-Louise. Comparative literature and global citizenship. In: BERNHEIMER, Charles. *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995. p. 58-65.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs*, v. 5, n. 4, p. 631-660, Summer/1980.
- STAËL, Mme. de. *De l'Allemagne*. 2 ed. Paris: Charpentier, 1844. 644p.
- SIRAGELDIN, Ismail. Sustainable human development in the twenty-first century: an evolutionary perspective. In: _____. (Editor). *Sustainable human development*. [A book of *Encyclopedia of life sustainable systems (EOLSS)*, developed under the auspices of the UNESCO. EOLSS Publishers: Oxford (UK), 2003. Disponível em: <http://www.eolss.net/ebooks/Sample%20Chapters/C11/E6-60.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2009.
- WITTIG, Monique. The straight mind. In: _____. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 2002. p. 21-32.
- _____. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 2002. 132p.

